

**PARA ALÉM DO BINARISMO DE GÊNERO:  
REFLEXÕES PARA A ARQUEOLOGIA**

*Lucas Oliveira<sup>1</sup>*

**RESUMO**

Ainda que nas últimas décadas a temática de gênero tenha ganhado espaço na arqueologia brasileira e os contextos funerários tenham sido privilegiados para ampliar tais sobre o passado pré-colonial, raras são as reflexões que conseguem criar inferências que vão além do dimorfismo sexual dos remanescentes esqueléticos. Esse artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão acerca do gênero enquanto performance e como esta torna-se relevante para interpretações que rompem com os paradigmas biológicos e do binarismo tão recorrentes nas narrativas arqueológicas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo. Cerâmica. Contexto Mortuário. Gênero. Performance

**ABSTRACT**

Although in recent decades the theme of Gender has gained space in Brazilian archeology and funerary contexts have been privileged to expand such discussions about the pre-colonial past, there are few reflections that manage to create inferences that go beyond the sexual dimorphism of the skeletal remnants. This article aims to present a reflection about gender as a performance and how it becomes relevant to inferences who break with biological and binary paradigms so recurrent in archaeological narratives.

**KEYWORDS:** Body. Pottery. Mortuary Contexts. Gender. Performance

**RESUMEN**

Aunque en las últimas décadas la temática de Género ha ganado espacio en la arqueología brasileña y los contextos funerarios han sido privilegiados para ampliar tales discusiones sobre el pasado precolonial, raras son las reflexiones que logran crear inferencias que van más allá del dimorfismo sexual de los remanentes esqueléticos. Este artículo tiene como objetivo presentar una reflexión sobre el género como performance y cómo se vuelve

<sup>1</sup> Mestrando em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe.

relevante para inferências que rompem com paradigmas biológicos y binarios tan recurrentes en las narrativas arqueológicas

**PALABRAS-CLAVE:** Cuerpo. Cerámica. Contextos Mortuorios. Género. Performance

## INTRODUÇÃO

Tratar sobre temáticas de gênero em contextos mais recuados no tempo nos desafiam, sobretudo quando os únicos vestígios culturais desses períodos são as materialidades, os sítios cemitérios e aqueles com grafismos rupestres. Para pesquisadores mais conservadores, tais resquícios são impossíveis de serem utilizados como fonte para obter resultados acerca dessas questões. Dessa maneira, as pesquisas arqueológicas têm, do seu surgimento até os dias atuais, marginalizado ou invisibilizado os papéis femininos e/ou as nuances de gênero; o que explica os motivos pelas quais essas discussões, indicadas como subjetivas, são constantemente deslegitimadoras. Entretanto, como é possível observar na literatura especializada, as subjetividades, quando relacionadas ao universo masculino, nunca foram encaradas como impossíveis, muito pelo contrário, nós homens sempre nos deparamos com o total protagonismo nos estudos arqueológicos (CONKEY & SPECTOR, 1984; SOFFER *et al.* 2008).

A partir da década de 1980, pesquisadores buscam redimir essa lacuna que, segundo Soffer *et al.* (2009) e Ribeiro (2018), existe em decorrência do fato da disciplina ter sido dominada por homens e suas interpretações masculinistas e colonialistas. Assim sendo, e com a ascensão da Arqueologia de Gênero, finalmente temos uma Arqueologia, ainda que ínfima frente a outras áreas, que se debruça sobre essa temática, apresentando narrativas com inferências mais igualitárias entre os sexos e legitimando os papéis desenvolvidos por mulheres nas sociedades do passado, ainda que tais premissas fossem realizadas involuntariamente pela clássica relação entre sexo e gênero, como apresenta Marshall (1995).

A finalidade desse trabalho é discorrer sobre gênero enquanto algo performativo e como é possível observar essa dimensão na cultura material de populações antigas, bem como compreender a relação artefactual em contextos mortuários e suas possibilidades para a alteração sobre o corpo e gênero, presentes no universo sócio simbólico de sociedades

pretéritas (MARSHALL, 1995; SØRENSE, 1996). A ideia, ainda que instigante, não é tentar mostrar um caminho a ser seguido, visto que as categorizações de gênero não podem ser padronizadas e nem atribuídas da mesma maneira para todas as culturas, mas apresentar uma reflexão sobre gênero e materialidades no passado que possa tornar nossas interpretações ainda mais amplas, inclusivas e representativas.

Dessa maneira, este artigo inicia-se com a discussão sobre gênero enquanto performance e como isso se torna possível (e necessário) para a Arqueologia, como essa área de conhecimento se desenvolveu e quanto ainda precisamos avançar. Tomando como base os contextos funerários, os artefatos cerâmicos e as suas relações no ritual fúnebre, o segundo tópico busca apresentar alguns estudos e possibilidades para a Arqueologia Pré-colonial. Para finalizar e, ainda com ressalvas e escassez literária, será apresentada a diversidade de performance de gênero em grupos ameríndios, tanto na América do Norte, com os *Two-Spirit*, e alguns relatos sobre as sociedades nativas da América do Sul, especialmente do Brasil.

## ARQUEOLOGIA E GÊNERO: ALGUMAS PONDERAÇÕES

As temáticas de gênero impactaram significativamente as ciências humanas, inclusive a arqueologia. As primeiras problematizações neste cerne foram apontadas pelas arqueólogas escandinavas que demonstraram como as pesquisas arqueológicas apresentavam uma maior visibilidade do papel masculino e, conseqüentemente, a marginalização das mulheres nas suas interpretações (BERROCAL, 2009). No entanto, na década de 1980, o termo 'Arqueologia de Gênero' começa a ser empregado nas discussões arqueológicas, inicialmente com o trabalho de Margaret Conkey e Janet Spector (1984).

Este trabalho, bem como outros que se seguiram (CONKEY & GERO, 1991 e 1997; CLASSEN, 1992; GERO, 1992), tiveram como preocupação primordial a crítica feminista, buscando enfatizar como os registros arqueológicos poderiam apresentar possibilidades que pudessem atribuir resultados satisfatórios acerca dos papéis femininos no passado. Essa reflexão, sustentada pela segunda onda do movimento feminista, é caracterizada pela preocupação em abordar as relações patriarcais que estruturam a subordinação das mulheres, como apresenta Gilchrist (2009). Dessa maneira, entre os anos de 1980 e 1990, a Arqueologia de Gênero estava voltada a desmistificar o viés masculinista da interpretação,

linguagem e técnicas arqueológicas, por intermédio das quais, como já mencionado, tornava-se invisível qualquer representação feminina nas narrativas arqueológicas.

Tais problemas, ainda que apontados em demasia, continuam a se perpetuar nas pesquisas sobre os remanescentes culturais, especialmente no Brasil. Para Ribeiro *et al* (2017), em avaliação sobre a representatividade feminina e masculina na academia, notou-se a grande produção de uma Arqueologia ainda masculinista, desde a formação à divulgação do conhecimento, embora os números tenham demonstrado para uma comunidade composta por tantas ou mais mulheres. Em outra publicação, Ribeiro (2017) tece valiosas críticas à característica científica de naturalizar (associar universalmente com o humano, o biológico, a natureza) os comportamentos e as concepções modernas de gênero e, com isso, o prestígio do homem em nossas pesquisas. Fica aqui o questionamento, embora não seja o foco do artigo: o que nós homens, tão representados arqueologicamente, o que temos feito em relação a essa problemática?

Para além das perspectivas que visam a legitimar as mulheres no passado, novas abordagens e definições de gênero vêm ganhando espaço. O que até então era uma perspectiva para discutir as experiências das mulheres no registro arqueológico, torna-se mais ampla ao refletir sobre as classes dentro de um mesmo grupo e problematizar as categorias vigentes, menciona Gilchrist (2009). Esse impacto, reconhecido pelo avanço da terceira onda feminista – termo coletivo de teóricos que rejeitam a ideia de que as experiências das mulheres (e homens) possam ser reduzidas a uma única essência (GILCHRIST, 2009) –, fez com que surgissem inferências acerca das minorias sexuais e de gênero, além de questões acerca do corpo e das corporalidades (ALBERTI, 1999; JOYCE, 2000; VOSS, 2006).

Importante nesse, até então, novo movimento de debate, Judith Butler, filósofa estadunidense de orientação pós-estruturalista, publicada em 1990 a obra *Gender Trouble: Feminism And the Subversion of Identity*, uma referência inicial para tais inquietações. Nessas reflexões, há questionamentos sobre corpo, gênero e desejo, com revisões críticas acerca da grande diversidade existente nas categorias “mulher”, “sexo” e “sexualidade”, demonstrando que não há uma identidade comum, muito pelo contrário, as normas exigidas nos cerne de gênero e desejo são compulsórias e não refletem a grande diversidade do ser. Para a teórica, em ressalva ao feminismo oriundo da segunda onda, as ficções fundacionistas (que se baseiam em estruturas empíricas, logo confiáveis) que sustentam a

noção de sujeito se encontram na suposição de que o termo mulher denote uma única essência (BUTLER, 1990).

Em publicação anterior, Butler (1988) discorre que o gênero não é de forma alguma uma identidade estável ou local da agência a partir da qual vários atos procedem; ao contrário, é uma identidade tênue constituída no tempo através de uma repetição estilizada de atos, além disso, é operado através do desenvolvimento do corpo e, portanto, deve ser entendido como a maneira mundana em que os gestos, movimentos, encenações corporais de vários tipos constituem a ilusão de um gênero permanente. É a partir dessa definição que surge o termo *performance* para explicar o gênero e, pensando nos atos constituintes do corpo, o *gênero performativo* (BUTLER, 1988).

Se gênero, pois, relaciona-se com a estilização, gestos, movimentos e encenações do corpo, tal como discutido por Butler (1988), como as materialidades operam neste universo e demonstram a identidade de gênero por trás dos sujeitos? Pesquisadores da Antropologia e Arqueologia buscam, através do estudo das materialidades, compreender como essas são representantes da vida social dos indivíduos, como são notadas pelo outro, e como são percebidas e alcançam o teor simbólico (HODDER, 1982; GOSELAIN, 1999; MILLER, 2005; SANTOS-GRANERO, 2009; LEMONNIER, 2012).

Nessa reflexão simbólica das “coisas”, bem como das performances de gênero em sujeitos de tempos recuados, Marcia-Anne Dobres, em 2010, apresenta algumas noções acerca do gênero dos “técnicos” antigos, sobretudo no ato de produzir artefatos que, em partes, corroboram os preceitos de Butler (1988 e 1990). Para Dobres (2010), o corpo do artesão antigo não era apenas um meio em que os indivíduos sentiam e entendiam o mundo, mas simultaneamente um ‘estágio’ pelo qual a identidade e outros interesses eram realizados, um meio sensível e sensual para atualizar a si e aos artefatos, bem como uma “superfície” lida pela comunidade.

Tais ideias são plausíveis de serem observadas em contextos em que os mortos são enterrados e os vivos ritualizam esses corpos. A maneira pela qual os falecidos são tratados e inumados, além do manancial de oferendas atribuídas aos falecidos, perpassa uma série de processos, funcionais e simbólicos, que dizem respeito a como os vivos celebravam os mortos e deixavam intrínsecas suas percepções acerca desses indivíduos, podendo, inclusive, ressaltar as performances de gênero existentes nos grupos que prepararam tais eventos (PEARSON, 1999; SØRENSE, 2004; SILVA *et al.*, 2013).

## POR UM INFERÊNCIA DE GÊNERO E NÃO DO SEXO!

Os espaços mortuários são os mais adequados para acessar questões de gênero em períodos recuados no tempo: o conjunto entre remanescentes ósseos humanos, das oferendas e dos espaços em que os mortos alcançam o seu “descanso” final, nos permitem vislumbrar como os vivos preparavam os rituais funerários e as mensagens significativas para as pessoas ainda em vida (PEARSON, 1999; SØRENSE, 2004; LIMA, 2012 e SILVA, *et al.* 2013). No entanto, esses podem se tornar obstáculos, visto que a partir dos remanescentes ósseos bem preservados só conseguimos alcançar resultados acerca das estimativas sexuais; e os acompanhamentos funerários, por fatores tafonômicos, nem sempre podem ser identificados, sendo, portanto, limitados às inferências relacionadas às identidades individuais em conjunto com as normas sociais.

Na literatura estrangeira, estudos com perspectiva de gênero para além do sexo em contextos mortuários já são uma realidade, como as investigações realizadas por Alberti (1999; 2013), Geller (2009), Marshall (2008), Holliman (2006) e Sørense (2006). No entanto, as pesquisas de gênero efetivadas no Brasil focaram apenas na relação entre marcadores sexuais dos esqueletos, idade de morte, tipo de inumação do corpo e associações funerárias, criando inferências que, como bem pontuam Gontijo e Schaan (2017), aproximam-se mais da maneira que nós, ocidentalmente culturais, compreendemos os gêneros: construções sociais com bases em características biológicas. Uma pesquisa mais ampla acerca das temáticas de Bioarqueologia e Arqueologia Funerária, para além daquelas que se preocuparam com as questões de gênero, podem apresentar resultados de como pesquisadores brasileiros estão lidando com as abordagens de sexo *versus* gênero e biológico *versus* cultural de forma mais aprofundada em contextos mortuários.

As interpretações que se seguiram desses estudos, e da correlação entre sexo e gênero, fez com que pesquisadores perpetuassem ideias tradicionais de que certas materialidades fossem indissociáveis de sujeitos sexualmente distintos. Como por exemplo: artefatos líticos serem atrelados ao universo masculino e conseqüentemente às funções de caça, e os objetos cerâmicos estarem associados somente às experiências femininas (LEE & DEVORE, 1968). Ainda que dentro dessas prerrogativas haja uma discussão sobre as vivências femininas, são raras as vezes em que elas são reconhecidas pelos seus *status* e poder dentro dessas sociedades, continuando a serem marginalizadas pelas pesquisas arqueológicas (WATSON & KENNEDY, 1992; WICHERS, 2017). Além desta naturalização

do corpo binário, sujeitos cujas performances que não se enquadram nesse perfil biológico são constantemente apagados nas narrativas arqueológicas, como se não existissem.

Dentre o emaranhado de materialidades plausíveis, o estudo dos artefatos cerâmicos é capaz de apresentar narrativas acerca das performances de gênero em sociedades do passado, visto que esses objetos também são criados através de uma metáfora para o corpo e muitas vezes figuram comportamentos sócio simbólicos de comunidades tradicionais (GOSSELAIN, 1999; VIDAL, 2000; VELTHEM, 2010), através de elementos decorativos e iconográficos (SCHAAN, 2003; BARRETO, 2009; ALBERTI, 2013; CARMO & GOMES, 2017) e estão em diversos contextos funerários, diretamente associados aos mortos. Estudos que buscam compreender tais subsídios, apresentados a seguir, conseguem extrapolar as inferências de gênero enquanto sexo e demonstram que várias sociedades do passado não experimentavam suas relações e performances da maneira rígida tal qual estamos acostumados.

O trabalho de Alberti (2016) parece ser um ótimo exemplo desse questionamento relacionado sobre sexo, gênero e cultura material. Utilizando-se de alguns vasilhames antropomorfos da coleção *Hirsch*, da Argentina, o autor busca compreender os demarcadores sexuais observados nestes artefatos para construir uma narrativa acerca das performances de gênero. Assim, o pesquisador demonstra que as categorias sexuais que conhecemos como 'masculino' e 'feminino' são também uma construção discursiva, algo que se aproxima das ideias formuladas por Butler (1990) e, dentro deste espectro, é preciso estar atento aos detalhes em que tais objetos se apresentam para que não se presuma uma falsa relação entre o sexo destinado ao corpo do vaso e as performances de gênero dos grupos que fabricaram e utilizaram tais materialidades.

Desse modo, o Alberti (2016) sugere que nem sempre as diferenças sexuais pelas quais nós conhecemos serão aplicáveis ao estudo das materialidades e podem não ser categorias operacionais que vão intermediar o estudo da cultura material (e inclui as investigações de remanescentes esqueléticos humanos provenientes de contextos arqueológicos) às interpretações realizadas no cerne de gênero. Para o autor, talvez o sexo não seja o aspecto mais significativo da identidade das pessoas representadas, podendo-se assim ser considerado invisível.

Alguns trabalhos com cerâmicas dos contextos amazônicos conseguem dialogar com a temática de figuração do corpo e outros aspectos que ampliam as classificações tecnológicas (BARRETO, 2014; 2016), e trazendo reflexões pertinentes sobre gênero e performance (BARRETO, 2003; SCHAAN, 2001; 2003). Para Barreto (2016), os artefatos cerâmicos têm vasto potencial enquanto demarcadores de identidade, sendo que seus significados simbólicos estão diretamente relacionados com a subjetivação dos objetos, bem como nos signos que esses desempenham e nas gramáticas e linguagens que podem ativar ou desativar suas capacidades agentivas. E por que não pensar nas performances de gênero dentro dessas acepções sócio simbólicas? Se tais representações nas cerâmicas figuram o corpo e apresentam-se com total potencialidade acerca de todos esses aspectos, é possível que a maneira pela qual os sujeitos estilizavam seus corpos, gesticulavam, movimentavam e encenavam, sendo essas características ímpares na ilusão criada do gênero, como menciona Butler (1988), fossem também empregadas aos vasilhames.

Para Denise Schaan (2001), essa representação de gênero em vasilhames cerâmicos é bastante presente nos contextos marajoaras, ainda que suas avaliações partam de um viés mais sexual e biológico (representações de genitálias, robustez do corpo, dentre outras características) para construir uma narrativa mais cultural/social. Desta forma, de acordo as averiguações das estatuetas desses contextos, a autora alcançou os seguintes resultados:

Quanto à representação de gênero, percebe-se que em grande parte das estatuetas pretendia-se, de alguma forma, representar o corpo feminino, ainda que sobre um suporte falomorfo. Apenas em quatro estatuetas identificou-se a representação de ventre protuberante que poderia indicar, mas não necessariamente indicaria, gravidez. Além disso, ocorrência de um número significativo de estatuetas sem nenhuma indicação de sexo mostra que outras dimensões de gênero poderiam estar representadas (SCHAAN, 2001, p. 51).

O trabalho mencionado torna-se interessante para nos fazer pensar sobre a variabilidade de representações corporais nos artefatos cerâmicos, para além de marcadores biológicos, abrindo a possibilidade de avaliar outros aspectos, tais como: tamanho, decoração e forma. Esses pontos podem sugerir as “várias dimensões de gênero que não nos permitem essencializar homem e mulher como categorias distintas e homogêneas” (SCHAN, 2001, p. 57). Ainda que haja figurações claras do falo, bem como outros atributos sexuais, a enorme ocorrência de objetos cerâmicos com ausência dessas

marcas ou até mesmo com presença de demarcadores sexuais distintos podem sinalizar, de todo modo, que as diferenças anatômicas que produzem sujeitos masculinos e femininos fossem um elemento central para questões de gênero naquelas sociedades.

Já se utilizando da relação entre artefatos cerâmicos e áreas funerárias, Schaan (2003) concentra-se em discutir, especialmente, a questão da ceramista, os vasilhames e vestimentas no Teso de Belém (PA-JO-15: Camutins). Para a pesquisadora, as mulheres nas sociedades marajoaras eram responsáveis pela produção da cerâmica, visto as associações desses artefatos em áreas domésticas e com as vestimentas femininas (tangas vermelhas). De acordo com a autora, nessas sociedades havia um nível hierárquico mais complexo, possibilitando diferenciações entre classes, gênero e idade e que, mulheres menos elitizadas, poderiam exercer funções do universo masculino, como a pesca. Tais inferências, dessa maneira, são importantes para pensarmos como as construções de gênero nessas sociedades marajoaras, diferentes do que se foi perpetuado no pensamento tradicional arqueológico, são muito mais amplas em relação aos papéis e relevâncias dos sujeitos femininos e masculinos.

Em avaliações realizadas com os sepultamentos do sítio Justino, na região Nordeste, Oliveira e Klökler (2018), em ampla avaliação acerca do tratamento dado ao corpo e os acompanhamentos funerários, também não alcançam resultados claros acerca das oferendas, incluindo vasilhames cerâmicos (acompanhados de maneira fragmentada e inteira) e cachimbos, atrelados aos sexos. Os autores sugerem que se houve alguma diferenciação de gênero que perpassasse o sexo dos indivíduos para os grupos pré-coloniais do baixo São Francisco, não foi possível de ser inferida com os dados arqueológicos e, ainda mais relevante, que as performances de gênero pudessem alcançar níveis bem mais diversos que aqueles assinalados pelas categorias sexuais nos indicariam.

Se por um lado, a representação de gênero não parece encontrar um claro padrão através dos marcadores sexuais identificados nos vasilhames cerâmicos ou nas associações desses com indivíduos classificados pelas categorias biológicas, por outro, as construções e performances de gênero parecem ser bem mais fluídas e relacionadas a outras questões sociais que vão orientar as vivências dos nossos ancestrais. Além disso, se houve um elemento primordial que assinalasse as diferenças de gênero, como é possível se observar em alguns contextos etnográficos (apresentados a seguir), esses não se tornaram arqueologicamente recuperáveis ou não foram devidamente elencados na produção

artefatual e nos rituais funerários. Ainda assim, a possibilidade de sujeitos cujo gênero não perpassam fatores sexuais devem sempre ser lembrados.

## EXEMPLOS ETNOGRÁFICOS NÃO FALTAM...

Dentre as mais conhecidas performances de gênero que não se enquadram nas construções ocidentais sobre corpo, sexo e gênero, e que resistiram (mesmo com os inúmeros desafios) à colonização europeia, temos os *Two-spirits*. De acordo com Callender e Kochems (1983), cerca de 113 grupos étnicos, amplamente registrados desde meados do século XIX, apresentavam performances de gênero distintas daquelas que conhecemos na atualidade: homens ou mulheres. Para os pesquisadores, sujeitos identificados enquanto *two-spirits* assumiam comportamentos, vestimentas e ocupações do outro sexo para efetuar uma mudança do seu status de gênero (CALLENDER & KOCHEMS, 1983).

O reconhecimento desses indivíduos se dava, especificamente, na infância, quando havia um interesse, no caso dos garotos, por atividades específicas do universo feminino (CALLENDER & KOCHEMS, 1983; HEMMILÄ, 2005). De forma geral, as atividades domésticas, como cozinhar e funções artesanais, foram notavelmente descritas por pesquisadores e informantes que demonstraram tais habilidades para tais sujeitos, além disso, em ocasiões de guerras, os *two-spirits* poderiam assumir a linha de frente, em outros casos, os mesmos não lutavam, porém exerciam papéis significativos, como acompanhar os guerreiros e transportar suprimentos, tratar os feridos, tornavam-se responsáveis pela custódia dos escalpos e faziam danças para afastar os invasores, tal como Callender e Kochems (1983) apresentam.

Outras ocupações dos *two-spirits* estavam associadas diretamente ao ritual funerário, apesar de não haver vasta literatura acerca dessa realidade (UNDERHILL, 1965; HEMMILÄ, 2005). Em outros casos, tais indivíduos alcançaram papéis significativos como guias espirituais para as suas comunidades, sendo reconhecidos enquanto xamãs. Para Hemmilä (2005), a maneira pela qual esses indivíduos eram relacionados a essas práticas são bastante similares a outros grupos tradicionais mais antigos, onde a mudança de gênero e a orientação sexual é um claro fator espiritual para essas sociedades nativas da América do Norte.

Dessa maneira, de forma ontológica, a explicação da existência de indivíduos *two-spirits* está vinculada a duas esferas: a primeira, como já observada, relaciona-se a questões mais econômicas, como realizar tarefas específicas de um outro sexo; a segunda, por outro lado, refere-se às questões mais espirituais e simbólicas, o que possibilitaria elucidar a participação dos *two-spirits* em diversas ocupações, tais como nos eventos funerários ou até mesmo no reconhecimento de tais pessoas enquanto guias xamânicos (CALLENDER & KOCHERS, 1983; HEMMILÄ, 2005). Para Willems (2010), símbolos presentes nos sonhos e visões e as mitologias em que deuses específicos intermediam dois lados sexualmente distintos são orientadores nesse ato performativo do gênero.

Se etnograficamente os *two-spirits* têm sido amplamente registrados, remanescentes arqueológicos também podem apresentar dados significativos para compreender tais performances de gênero, apesar de Hollimon (1996) não ter alcançado resultado proeminente. No entanto, como Roscoe (1991) apresenta, homens e mulheres foram frequentemente sepultados com acompanhamentos que indicaram suas ocupações e papéis sociais: mulheres, por exemplo, foram algumas vezes sepultadas com ferramentas de produção de cerâmica ou bolas de argilas não queimadas. Oferendas similares encontradas, em pelo menos um sepultamento de indivíduo masculino, sugerem a presença de indivíduos com gênero distinto ao sexo. Igualmente sugestivas são as cestarias, relacionadas às práticas femininas nessas sociedades da América do Norte, que podem ser encontradas em enterramentos com sujeitos masculinos e possivelmente *two-spirits* (ROSCOE, 1991).

Diferentemente da imensidão de dados provenientes sobre os *two-spirits*, estudos para o território sul-americano são mais escassos, apesar do enorme quantitativo de documentos que descrevem mudanças no comportamento de gênero e orientações sexuais dissidentes (FERNANDES, 2015). Ainda que pouco explorados, alguns registros etnográficos e etnohistóricos, disponíveis em estudos (apresentados a seguir) são capazes de demonstrar a diversidade de gênero em grupos ameríndios da América do Sul e, especialmente, no território brasileiro.

Como bem indicado por Fernandes (2015), é possível conceber as performatividades de gênero distintas das quais nós compreendemos através de uma série de termos colonizadores acerca das práticas sexuais e comportamentos de gênero, como 'sodomia', 'pecado nefando' e 'pederastia'. No entanto, há relatos que retratam essas práticas de maneira mais ampla, como Amantino (2011) demonstrando que algumas

peessoas indígenas, do sexo feminino, não só pegavam em armas, mas também realizavam outras funções consideradas para o universo masculino, além disso eram 'casadas' com mulheres: chamá-las de mulheres era a maior injúria que lhes poderia ser feita. Em outra citação baseada no relato de Pero de Magalhães Gandavo (1576), Amantino (2011) apresenta que tais indivíduos, além de não se interessarem por relacionar-se sexualmente com homens, se dedicavam às tarefas masculinas, cortavam os cabelos da mesma maneira que os homens, iam às guerras com seus arcos e flechas e caçavam sempre na companhia deles.

Igualmente para os Xavante, pertencentes à família linguística Jê, Melatti (2007) menciona a possibilidade de observar que alguns indivíduos do sexo feminino, ao tornarem-se sodalícios, rompem com os estigmas do gênero que lhes são atribuídos e, em alguns casos, trocam seus respectivos nomes por nomes masculinos, além de poderem participar de certos ritos específicos para os homens, ficando apenas de fora do conselho da aldeia, uma atividade exclusiva aos indivíduos do sexo oposto. Nesse contexto, é plausível identificar que as performances e as funções de gênero estão atreladas a diversos âmbitos da sociabilidade dos Xavante e que a diferenciação entre os sexos, como considerada por Melatti (2007), não se porta de forma inflexível.

Mencionando a relação entre material e gênero, Clastres (1978) apresenta o universo sócio simbólico referente à cultura material de homens e mulheres, desde as construções sociais que vão moldando o ser, até as performances pelas quais esses indivíduos vão desempenhando papéis de gênero nas sociedades Quiaiqui. Nessas construções sociais, o autor menciona casos que não se enquadram diretamente aos arquétipos atribuídos aos gêneros e como a comunidade lida com tais dissidências. Para Clastres (1978), a nítida divisão de trabalho por sexos, tema caro às compreensões de gênero em grupos indígenas, vai ser construída desde a infância e, nesse aspecto, artefatos vão se consagrar enquanto instrumentos para operar tais construções: meninos recebem um pequeno arco que lhes orientam no universo da caça (atividade central para os homens) e as meninas ganham pequenos cestos que lhes encaminham para as experiências femininas frente ao grupo. Para os Quiaiqui, de acordo as palavras de Clastres (1978):

Os homens só existem como caçadores, e eles mantêm a certeza da sua maneira de ser preservado o seu arco do contato da mulher. Inversamente, se um indivíduo não consegue mais realizar-se como caçador, ele deixa ao mesmo tempo de ser homem: passando do arco para o cesto, metaforicamente ele *se torna uma mulher*. Com efeito, a conjunção do

homem e do arco não se pode romper sem transformar-se na sua inversa e complementar: aquela da mulher e do cesto. (CLASTRES, 1978, p. 75-76)

Dessa maneira, como exposto na citação acima, enquanto materialidades e corpos vão operando nessas práticas, a variabilidade é mencionada por Clastres (1978). Dois casos específicos confrontam tais construções, sendo um considerado *Panema* (caçador e/ou pescador infeliz; que não é afortunado – azarado) e outro acatado enquanto sodomita. A diferença existente entre esses indivíduos e os tratamentos que recebem nas relações sociais está para o fato do primeiro, com o azar na caça e conseqüentemente o insucesso para com as mulheres, a rejeição pela própria comunidade. Esse indivíduo, apesar de se considerar homem, não participa das atividades vinculadas ao universo masculino, ficando à mercê dos trabalhos destinados às mulheres.

Para o segundo caso, Clastres (1978) apresenta que o tratamento pela comunidade é totalmente diferenciado e, inclusive, respeitado. Para o pesquisador, o sujeito outrora considerado sodomita, performativa de total feminilidade, sendo sua imagem e ações mais próximas às das mulheres. Para esse último caso, Clastres demonstra que ele se tornara socialmente reconhecido e, além disso, certos caçadores faziam desse indivíduo seu parceiro sexual em total libertinagem ao invés de perversão, mas nunca ocorrera por parte da comunidade qualquer sentimento de desprezo para com esse sujeito.

A partir dessas breves menções, temos não somente uma descrição sobre como tais performances eram vistas e atribuídas aos gêneros, mas também algo essencial para a Arqueologia: as materialidades representadas pelos arcos, flechas, cerâmicas, cestos, vestimentas e adornos, sendo essas muitas vezes interpretadas como indissociável ao universo limitado ao sexo. Tais colocações, apesar de se encontrarem numa discussão mais essencialista, são interessantes para nos fazerem refletir de forma mais profícua sobre questões que fogem do binarismo sexual e, finalmente, sugerir narrativas mais amplas, inclusivas e representativas daquelas e daqueles que sempre se encontram às margens, tanto na nossa sociedade ocidental, quanto nas pesquisas mais aplicadas da Arqueologia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de gênero surgem na Arqueologia vinculados a uma tarefa relevante: tornar nossas inferências mais representativas. Inicialmente, a problemática centrava-se em como os sujeitos femininos foram silenciados por essa disciplina dominada por abordagens

masculinistas. Posteriormente, outras minorias sexuais e de gênero começaram a discutir sobre suas vivências na disciplina e, sobretudo, explorar as potencialidades que os registros arqueológicos nos apresentam.

No Brasil, essa realidade ainda é vaga e, por vezes, deslegitimada, como se nossas histórias não fossem plausíveis de serem averiguadas. No entanto, em tempos em que nossas vivências que rompem os estigmas normativos sexuais e de gênero são constantemente atacadas por grupos conservadores, precisamos, mais do que nunca, fazer da arqueologia uma ferramenta que pode dar voz àquelas e àqueles que têm sido silenciados histórica e socialmente. Não nos faltam contextos, nem relatos históricos que demonstram nossas experiências, nossas individualidades e nossas performances de gênero, podemos e devemos ir além para tornar nossas inferências ainda mais amplas, fazendo com que sujeitos não normativos se identifiquem e sintam-se representados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADOVASIO, James; SOFFER, Olga; PAGE, Jake. **O sexo invisível: o verdadeiro papel das mulheres na Pré-História**. Ed. Record, Rio de Janeiro, 2009.

ALBERTI, Benjamín. Los cuerpos en Prehistoria: Más allá de la división entre sexo/género. **Revista do Museo de Arqueologia e Etnologia**, v. 3, p. 57-67, 1999.

ALBERTI, Benjamin. Queer prehistory: bodies, performativity and matter. In. BOLGER, D. (org). **A companion to gender prehistory**, John Wiley & Sons, p. 86-107, 2013.

ALBERTI, Benjamin. Designing Body-Pots in the Formative La Candelaria, Northwest Argentina. In. HALLAM, E.; INGOLD, T. (ed). **Making and Growing: Anthropological Studies of Organisms and Artefacts**. Routledge, 2016.

BARRETO, Cristiana Nunes Galvão de Barros. Le symbolisme sexuel et les femmes dans l'art de l'Amazonie ancienne: figurines et tangas de Marajó. **Kaos, Parcours des Mondes, Paris**, v. 3, p. 72-83, 2003.

BARRETO, Cristiana Nunes Galvão de Barros. **Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga**. Tese de Doutorado (MAE/USP), São Paulo, 2008.

BARRETO, Cristiana Nunes Galvão de Barros. Modos de figurar o corpo na Amazônia pré-colonial. In, **Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología**

Amazónica. Quito: Instituto Francês de Estudios Andinos/Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales/Embajada de EEUU, p. 123-131, 2014.

BARRETO, Cristiana Nunes Galvão de Barros; OLIVEIRA, Erêndira. Para além de Potes e Panelas: cerâmica e ritual na Amazônia antiga. **Revista Habitus**, v. 14, n. 1, p. 51-72, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo (1949)**. Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro 1980.

BERROCAL, María Cruz; Feminismo, teoría y práctica de una arqueología científica; **Trabajos de Prehistoria**, Madrid: CSIC. Volume 62, n. 2, p. 25-43, 2009.

BUTLER, Judith. Performative acts and gender constitution: An essay in phenomenology and feminist theory. **Theatre journal**, v. 40, n. 4, p. 519-531, 1988.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. Ed. Routledge, New York, 1990.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"**. Roudedge, New York, 1993.

CALLENDER, Charles; KOCHEMS, Lee. The North American Berdache; **Current Anthropology**, Vol. 24, No. 4. August-October, 1983.

CLAASSEN, Cheryl (Ed.). **Exploring Gender through Archaeology: Selected Papers from the 1991 Boone Conference**. Prehistory Press, 1992.

CLASTRES, Pierre. "O Arco e o Cesto". In. **A Sociedade contra o Estado. Pesquisas de Antropologia Política**. Tradução de Theo Santiago – Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

CONKEY, Margaret; SPECTOR, Janet. Archaeology and the Study of Gender. In SCHIFFER, Michal Brian (ed.); **Advances in Archaeological Method and Theory**. Nova York: Academic Press. n. 7, p. 1-38, 1984.

DOBRES, Marcia-Anne. Archaeologies of technology. **Cambridge Journal of Economics**, v. 34, n. 1, p. 103-114, 2010.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Decolonizando sexualidades: Enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UNB), Brasília, 2015.

GELLER, Pamela. Identity and difference: complicating gender in archaeology. **Annual Review of Anthropology**, v. 38, p. 65-81, 2009.

GILCHRIST, Roberta. The Archaeology of Sex and Gender; in CUNLIFFE, B.; GOSDEN, C.; JOYCE, R.; **The Oxford Handbook of Archaeology**; Oxford University Press, 1029-47, 2009.

GONTIJO, Fabiano de Souza; SCHAAN, Denise Pahl. Sexualidade e Teoria Queer. *Revista de Arqueologia*; v. 30, n. 2, p. 51-70, 2017.

GOSSELAIN, Olivier. In pots we trust: the processing of clay and symbols in Sub-Saharan Africa. **Journal of material culture**, v. 4, n. 2, p. 205-230, 1999.

HEMMILÄ, Anita. **Ancestors of two-spirits**: representations of native American third-gender males in historical documentation: a critical discourse analysis in anthropology. Tese (University of Jyväskylä), 2005.

HODDER, Ian. **Symbols in action**: ethnoarchaeological studies of material culture. Cambridge University Press, 1982.

HOLLIMON, Sandra. Sex, gender and health among the Chumash: an archaeological examination of prehistoric gender roles. **Proceedings of the Society for California Archaeology**, v. 9, n. 205208, p. 173188, 1996.

HOLLIMON, Sandra. The archaeology of nonbinary genders in Native North American Societies. In. NELSON, S. M. (org). **Handbook of gender in archaeology**. Lanham, MD: AltaMira. p. 435-450, 2006.

DEVORE, Irven; LEE, Richard (Ed.). **Man the hunter**. Aldine Publishing Company, 1968.

LIMA, Danúbia Valéria Rodrigues de. **Sobre Morte e Gênero**: uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos Sítios Justino-SE e Furna do Estrago-PE; Dissertação (PPGARqueologia/UFPE), Recife, 2012.

MARSHALL, Yvonne. Archaeological possibilities for feminist theories of transition and transformation. **Feminist Theory**, v. 9, n. 1, p. 25-45, 2008.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. Edusp, 2007.

MILLER, Daniel. Materiality: an introduction. In. MILLER, Daniel; MESKELL, Lynn; MYERS, Fred; ENGELKE, Matthew (org). **Materiality**. Duke University Press, 2005.

OLIVEIRA, Lucas; KLOKLER, Daniela. **Bodies, Offerings, Rituals and Genders at the Justino, Lower São Francisco**. Revista Habitus - Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 103-124, jun. 2018. ISSN 1983-7798

PEARSON, Michael Parker. **The Archaeology of Death and Burial**; Texas A&M University Press, College Station, USA, 1999.

LEMONNIER, Pierre. **Mundane objects**: Materiality and non-verbal communication. Routledge, 2016.

RIBEIRO, Loredana; FORMADO, Bruno Sanches Ranzani Da Silva; SCHIMIDT, Sarah; PASSOS, Lara. A saia justa da Arqueologia Brasileira: mulheres e feminismos em apuro bibliográfico. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, n. 3, p. 1093-1110, 2017.

RIBEIRO, Loredana. Crítica feminista, arqueologia e descolonialidade; **Revista de Arqueologia**, v. 30, p. 210-234, 2017.

ROSCOE, Will. **The Zuni man-woman**. UNM Press, 1991.

SANTOS-GRANERO, Fernando (Ed.). **The occult life of things: Native Amazonian theories of materiality and personhood**. University of Arizona Press, 2009.

SCHAAN, Denise Pahl. Estatuetas antropomorfas marajoara: o simbolismo de identidades de gênero em uma sociedade complexa amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 17, n. 2, 2001.

\_\_\_\_\_, Denise Pahl. A ceramista, seu pote e sua tanga. **Revista de arqueologia**, v. 16, n. 1, p. 31-45, 2003.

SILVA, Sergio Francisco Serafim Monteiro de; CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de; LIMA, Danúbia Valéria Rodrigues da. Considerações sobre as arqueologias da corporeidade e da sexualidade; **Clio. Série Arqueológica (UFPE)**, v. 26, p. 49/1-91, 2013.

SØRENSE, Marie Louise. The Interconnection of Age Gender: a Bronze Age Perspective; **EAZ, Ethnog. Archaol.**; 45 (2): 327-338, 2004.

UNDERHILL, Ruth Murray. **Red Man's Religion: Beliefs and Practices of the Indians North of Mexico**. University of Chicago Press, 1965.

---

WATSON, Patty Jo; KENNEDY, Mary. The development of horticulture in the eastern woodlands of North America: Women's role. In. GERO, Joan M.; CONKEY, Margaret Wright; BLACKWELL, B. H. (Ed.). **Engendering archaeology**: women and prehistory. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura: provocações feministas. **Revista de Arqueologia, Belém**, v. 30, n. 2, p. 35-50, 2017.

WILLIAMS, Walter. **The Berdache Tradition**. 2010. Disponível em: <<http://crl.ucsd.edu/~elman/Courses/HDP1/2000/LectureNotes/williams.pdf>> acessado em 30 de abril de 2020.

Recebido em 05/12/2020  
Aprovado em 15/05/2021